CP Carris a Pé

Tuna Linha – 16/2/2013

A Linha

(música de «a Casa» de Vinicius de Moraes)

É uma linha
muito engraçada.
Não tem comboios
nem tem mais nada.

Na maior parte
do seu trajecto
Não há carris
nem há projecto.

Os carris foram
para a sucata
E o Metro não
ata nem desata

Só mesmo as plantas
crescem aqui
E há bons recantos
p'ra fazer xixi.

Não há dinheiro?
Soa a sirene!
Foi pr'ó buraco
do B. P. N.

Tuna Linha

(música de «Tinta Verde» - Vitorino)

A dezasseis de Fevereiro
No apeadeiro de S. José
Estava eu todo porreiro
À espera do Metro em pé
Estava eu todo porreiro
À espera do Metro em pé
A dezasseis de Fevereiro
No apeadeiro de S. José

(Repete 3º e 4º / 1º e 2º em todas as quadras)

Olhava para os carris
Mas do Metro nem sinal.
Fui coçando o nariz
Algo estava a correr mal

Meti os pés ao caminho
Fui andando pela linha
Vi que não estava sozinho
Mas o Metro, esse, não vinha

Foi então que dei por mim
No Parque, na Estação.
A viagem foi assim
Toda feita em excursão.

À meia noite ao luar

(versão do Metro)

À meia noite ao luar
Vai nas ruas a cantar
O boémio e sonhador [bis]
A recatada donzela
De mansinho abre a janela
À doce canção de amor.

Ai como é triste
À luz do dia
Alguém levar
Os carris que havia.
A população
Devia estar grata
P'lo dinheirinho
Pago p'la sucata.

Dão as doze badaladas
Ao ouvir-se as guitarradas
Surge um luar que é de prata [bis]
A recatada donzela
De mansinho abre a janela
Vem ouvir a serenata.

Refrão (2X)

Janeiras a Metro

Levante-se daí, minha senhora
Desse banco da estação
Venha a pé ou de automóvel
De autocarro ou camião

Coitadinho do Menino
Jesus teve um pesadelo:
Os carris já lá não estavam
E o comboio, então, nem vê-lo
(repete dois versos finais)

Levante-se daí minha senhora
Desse banco em Serpins
Venha cantar as Janeiras
A Coimbra de patins.

Coitadinho do Menino...

Levante-se daí minha senhora
Desse banco na Lousã
E venha de bicicleta
P'la fresquinha da manhã.

Coitadinho do Menino...

Levante-se daí minha senhora
Aí de Miranda do Corvo
Vem de burro p'ra Coimbra
Se não for muito estorvo.

Coitadinho do Menino...

Coimbra sem Ramal

Letra de David Carvalho / Refrão de João Marcelino / Adaptações de Paulo Moura

Coimbra do Choupal
Nem metro nem ramal
Será que és Portugal
... ainda?...

Coimbra onde uma vez
Promessa alguém nos fez
Metro com rapidez
... já vinha!...

Coimbra das canções
P'ra nós nunca há tostões
Quase que nos põem
... a nu...

Coimbra dos doutores
Não queremos favores
Queremos o nosso
... Metro...

REFRÃO
O Metro é uma promessa
Em falta, essa é que é essa
E a malta não tolera
Tantos anos de espera.
Não baixamos os braços
A luta cria laços
Queremos o nosso Metro.

Apita o comboio

José Malhoa

Apit'o comboio que coisa tão linda.
Apit'o comboio perto de Coimbra.
Apit'o comboio que coisa tão linda.
Apit'o comboio perto de Coimbra.

Apit'o comboio, lá vai apitar.
Apit'o comboio, à beira do mar.
À beira do mar, mesmo à beirinha.
Apit'o comboio, no centro da linha.

À beira do mar, debaixo do chão,
Apit'o comboio lá na estação.
À beira do mar, debaixo do chão,
Apit'o comboio lá na estação.

Apit'o comboio, lá vai a apitar.
Apit'o comboio, à beira do mar.
À beira do mar, mesmo à beirinha.
Apit'o comboio, no centro da linha.

Apit'o comboio sobre o rio Douro,
Apit'o comboio ao chegar ao Porto.
Apit'o comboio sobre o rio Douro,
Apit'o comboio ao chegar ao Porto.

Apit'o comboio, lá vai à apitar.
Apit'o comboio, à beira do mar.
À beira do mar, mesmo à beirinha.
Apit'o comboio, no centro da linha.

Apit'o comboio logo de manhã,
Vai cheio de moças par'à Covilhã.
Apit'o comboio logo de manhã,
Vai cheio de moças para à Covilhã.

Apit'o comboio, lá vai à apitar.
Apit'o comboio, à beira do mar.
À beira do mar, mesmo à beirinha.
Apit'o comboio, no centro da linha.

Vira Velho

Agora já não o sou
Eu já fui o teu amor
Agora já não o sou
Se ainda te bato os olhos
Foi jeito que me ficou.
Foi jeito que me ficou
Ó ai, ólari ló lela-

Quem as atirara a um poço
As velhas são maravalhas
Quem as atirara a um poço
As moças novas são jóias
Para trazer ao pescoço
Para trazer ao pescoço
Ó ai ólari ló lela

Um castelo com dois muros
Eu hei-de mandar fazer
Um castelo com dois muros
Para prender os teus olhos
E não sei se estão seguros
E não sei se estão seguros
Ó ai ólari ló lela

Quem me dera ser botão
Quem me dera ser colete
Quem me dera ser botão
Para andar agarradinho
Bem junto ao teu coração
Bem junto ao teu coração
Ó ai ólari ló lela

Saias

Onde vais de camisinha?
À feira de S. Mateus
As meias são emprestadas
Ai os sapatos não são teus.
As meias são emprestadas
Ai os sapatos não são teus.
Onde vais de camisinha?
À feira de S. Mateus
(cada quadra repete-se, desdobrando os versos 2 a 2)

Já chove já quer chover
Já correm os regadinhos
Já os campos 'tão alegres
Ai já cantam os passarinhos

A perdiz canta na balsa
O rouxinol no alandro
Diante de mim és falsa
Ai que fará eu abalando?

Cana verde dos velhotes

Ai quem me dera
Ó minha mãe quem me dera
O que a minha alma deseja
As portas do céu abertas
Como estão as da igreja
Larilolela
Como estão as da igreja
Ó minha mãe quem me dera
O que a minha alma deseja

Ribeira nova
Venho da Ribeira nova
De regar o meu nabal
Inda trago uma folhinha
Na barra do avental
Larilolela
Na barra do avental
Venho da Ribeira nova
De regar o meu nabal

Caninha verde
Ó minha caninha verde
Ó minha verde canoca
Eu venho da Romaria
De enganar uma cachopa
Larilolela
De enganar uma cachopa
Ó minha caninha verde
Ó minha verde canoca

Vira de Coimbra

Dizem que amor de estudante
Não dura mais que uma hora
Só o meu é tão velhinho
'Inda se não foi embora.

Coimbra p'ra ser Coimbra
Três coisas há-de contar
Guitarras, tricanas lindas,
Capas negras a arejar

Ó Portugal trovador
Ó Portugal das cantigas
A dançar tu dás a roda
A roda com as raparigas

Fui encher a bilha e trago-a
Vazia como a levei
Mondego que é da tua água
que é dos prantos que eu chorei.

Espaço vago para o que quisermos cantar